

* ENERGIA

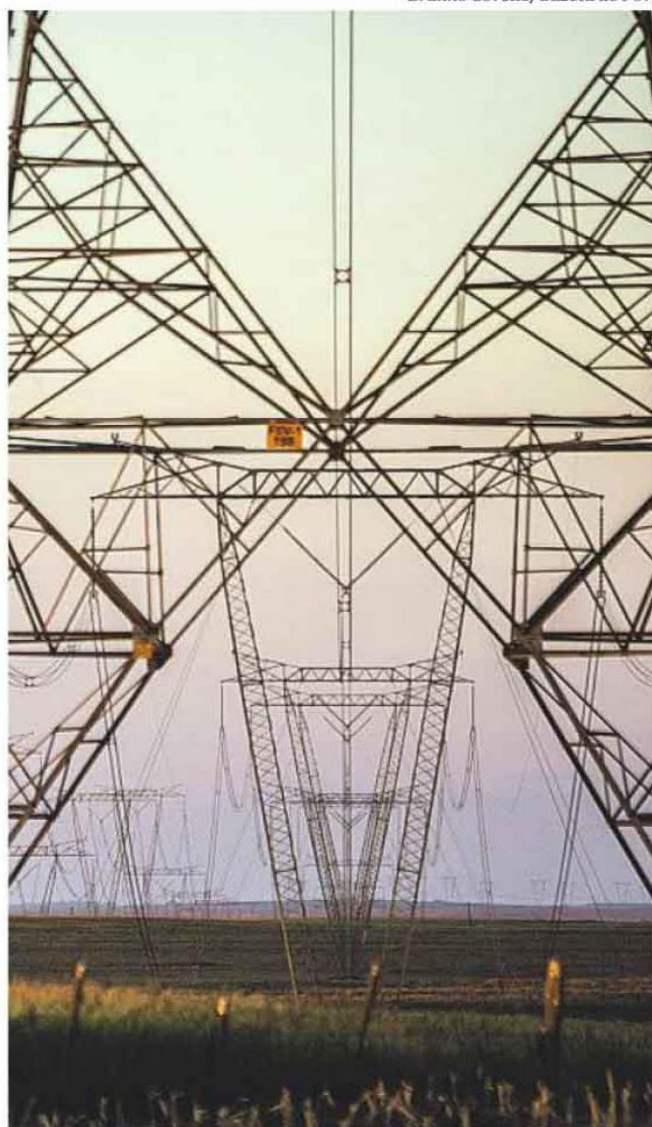
Custo de linhas e atrasos deixam incerto o futuro do setor elétrico

De acordo com executivos e especialistas, as dificuldades podem travar também o crescimento das fontes renováveis

Estadão Conteúdo

■ A escassez e o custo de linhas de financiamento e os problemas de cumprimento de prazos e licitação de novos projetos na área de transmissão são considerados, neste momento, dois entraves ao futuro do sistema elétrico nacional. De acordo com executivos e especialistas do setor elétrico, tais dificuldades podem não apenas barrar o investimento em novos projetos de geração de uma forma geral, como também travar o crescimento das fontes renováveis no país. Justamente em um momento no qual a energia eólica se consolida como importante alternativa às hidrelétricas, e a fonte solar começa a dar os primeiros passos no Brasil.

“Há uma estimativa de necessidade de investimento da ordem de R\$ 20 bilhões, montante necessário apenas para



Brunno Covello/Gazeta do Povo

Em dez anos, a demanda brasileira pode crescer 30 GW.

que a gente possa correr atrás do atraso que já existe”, afirmou o presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Salles.

O presidente da CPFL Renováveis, Andre Dorf, destaca que neste momento aproximadamente três em cada quatro projetos de transmissão estão com o cronograma atrasado, uma situação que se agrava ainda mais diante da dificuldade de acesso a recursos a custos competitivos. “Hoje o apetite dos bancos está baixo. Falta disponibilidade de recursos e o custo de financiamento está bastante elevado”, afirma.

O executivo destaca que, a despeito dos sinais de desaceleração da economia brasileira, a perspectiva de longo prazo é de aumento de demanda. Em dez anos, a demanda pode crescer aproximadamente 30 GW médios, o que indica uma necessidade de ampliação da potência instalada de 60 GW a 75 GW, ou algo como 60% em relação à atual capacidade do parque gerador nacional.

As dificuldades enfrentadas pelo setor elétrico aumentam a percepção do investidor externo de que o Brasil está “barato” e atrativo para o investimento estrangeiro. Ainda assim, as empresas adotam tom cauteloso ao analisar eventuais aportes no Brasil.

A escassez e o custo de linhas de financiamento e os problemas de cumprimento de prazos e licitação de novos projetos na área de transmissão são considerados, neste momento, dois entraves ao futuro do sistema elétrico nacional. De acordo com executivos e especialistas do setor elétrico, tais dificuldades podem não apenas barrar o investimento em novos projetos de geração de uma forma geral, como também travar o crescimento das fontes renováveis no País. Justamente em um momento no qual a energia eólica se consolida como importante alternativa às hidrelétricas, e a fonte solar começa a dar os primeiros passos no Brasil.

"Há uma estimativa de necessidade de investimento da ordem de R\$ 20 bilhões, montante necessário apenas para que a gente possa correr atrás do atraso que já existe", afirmou o presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales. "E o macrofinanciador do mercado brasileiro, o BNDES, está recolhendo os flaps", disse o especialista, que participa nesta segunda-feira, 30, de evento realizado no Instituto FHC, em São Paulo.

O presidente da CPFL Renováveis, Andre Dorf, destaca que neste momento aproximadamente três em cada quatro projetos de transmissão estão com o cronograma atrasado, uma situação que se agrava ainda mais diante da dificuldade de acesso a recursos a custos competitivos. "Hoje o apetite dos bancos está baixo. Falta disponibilidade de recursos e o custo de financiamento está bastante elevado. Fala-se em CDI mais três, quatro ou cinco pontos. Estamos falando de quase 20% ao ano para projetos de infraestrutura, um custo de dívida que em alguns casos chega a passar o custo do equity", afirma.

O executivo destaca que, a despeito dos sinais de desaceleração da economia brasileira, a perspectiva de longo prazo é de aumento de demanda. Em dez anos, a demanda pode crescer aproximadamente 30 GW médios, o que indica uma necessidade de ampliação da potência instalada de 60 GW a 75 GW, ou algo como 60% em relação à atual capacidade do parque gerador nacional.

As dificuldades enfrentadas pelo setor elétrico aumentam a percepção do investidor externo de que o Brasil está "barato" e atrativo para o investimento estrangeiro. Ainda assim, as empresas adotam tom cauteloso ao analisar eventuais aportes no Brasil.